

# 1

## A Teoria da Solidão Conectada de Sherry Turkle

Em abril de 2010, uma casa noturna de São Paulo promoveu uma festa silenciosa. Em vez de ouvirem as músicas escolhidas por um DJ, cada pessoa levava seu próprio fone de ouvido e ficava dançando ao som de sua música, conectado consigo mesmo, sozinho com todos os outros.

Cenas semelhantes podem ser vistas em outros ambientes, de ônibus e metrô a restaurantes e mesmo na intimidade das casas. Pessoas juntas, cada uma conectada em sua mídia digital, com seus fones de ouvido, interagindo com quem não está lá.

Esse cenário de transformações na vida social decorrente das conexões digitais é o objeto de estudo da pesquisadora norte-americana Sherry Turkle. Desde o final dos anos de 1970, a partir de um longo trabalho de campo, com mais de dez anos de entrevistas e imersão em *sites*, comunidades e redes ela delinea como as relações sociais se definem a partir do uso de mídias digitais. E a resposta não é das mais entusiasmadas.

Para escapar da solidão que caracteriza boa parte da vida contemporânea, as pessoas se conectam em redes virtuais. Quanto mais as pessoas se conectam, no entanto, mais solitárias ainda elas ficam. Em linhas bastante gerais, essa é a proposta da pesquisadora norte-americana Sherry Turkle em *Alone Together*, último volume de uma trilogia sobre a articulação entre relações sociais e tecnologia iniciada ainda nos anos de 1980 com *The Second Self* e continuada, nos anos de 1990, com *Life on Screen*.

### **Incertezas e conexões**

Por que buscamos mais e mais os contatos pelas mídias digitais quando poderíamos nos relacionar com quem está fisicamente presente? Basicamente, explica Turkle, porque as tecnologias conseguem suprir algumas de nos-

sas maiores vulnerabilidades e ajuda a lidar com medos contemporâneos – o medo da solidão, mas também o medo de criar vínculos muito próximos com outras pessoas.

Isso decorre, em primeiro lugar, das características, às vezes paradoxais, dos relacionamentos intermediados pelas mídias digitais. Eles permitem um contato mais próximo ao mesmo tempo em que mantêm uma distância. A vida em rede, define Turkle, permite que nos mantenhamos ao mesmo tempo escondidos e ligados aos outros, em uma proximidade sem intimidade.

Aliás, as próprias noções de “proximidade”, “intimidade” e, em termos mais gerais, a noção de “estar junto” são alteradas pelas tecnologias de comunicação. As mídias, nas palavras da autora, estão “redesenhando as noções de intimidade e de solidão”.

*Embora tenhamos cada vez mais acesso à vida pessoal dos outros, isso não parece significar uma maior proximidade de relacionamentos e, menos ainda, a resolução dos problemas relativos à solidão. As tecnologias permitem acesso à intimidade regulado pela manutenção da solidão.*

As relações virtuais criam a sensação de eliminar algumas dificuldades de interação existentes na vida cotidiana. Elas permitem, por exemplo, um maior controle das informações às quais meus interlocutores terão acesso. Ao montar um perfil *online*, por exemplo, a escolha de fotos e a descrição que se faz de si mesmo permitem construir uma imagem de si mesmo que, pessoalmente, talvez seja difícil de manter.

Nas palavras de Turkle, elas permitem “controlar a intensidade” dos relacionamentos, algo complicado nas relações pessoais. As conexões, reconfigurando o que se entende por relacionamento e intimidade, levam a novos tipos de solidão.

Na medida em que a tecnologia se torna mais e mais presente, configurando-se como parte da estrutura das relações sociais, a noção de “relacionamento” pode se tornar uma mera “conexão”. Ou, nas palavras da autora, “ciberintimidade se transforma em ciber-solidão”.

## **Estar anonimamente com todos**

Os *sites* confessionais, nos quais indivíduos, protegidos pelo anonimato, expõem fatos delicados de suas vidas pessoais com fortes cores emocionais, são usados por Turkle como exemplo da ambiguidade das relações virtuais. Para quem escreve, falar de seus problemas pode ser um alívio. No entanto, quem



está ouvindo? As confissões revelam, imediatamente, fatos de uma intimidade que poderia demorar anos para ser atingida em relacionamento fora do mundo virtual. No entanto, apesar dessa intimidade, os laços criados são bastante frágeis: Uma vez escrito ou lido o depoimento, que fazer? O circuito se fecha.

As tecnologias criam uma falsa sensação de proximidade e companhia. Não por acaso, muitas vezes a relação que mantemos com a tecnologia se caracteriza por uma curiosa afetividade em relação ao que é, afinal, uma máquina. Em alguns casos, Turkle detecta até mesmo uma certa tendência em se criar um vínculo antropomórfico com a tecnologia – é fácil encontrar várias listas de discussão sobre pessoas que dão nomes para seus carros ou computadores, por exemplo.

Ambivalências na comunicação via mídias digitais	
Facilidade para encontrar companhias.	Demandas maiores para mantê-las.
Conexão contínua com os outros.	Raramente se conquista toda a atenção dos outros.
Possibilidade de encontrar interlocutores.	Dificuldade de estabelecimento de diálogo.
Tornar-se conhecido na internet.	Exposição da privacidade e da intimidade.
Maior chance de iniciar relacionamentos.	Dificuldade de levá-los adiante.
Possibilidade de trabalhar em casa.	Diluição das fronteiras trabalho/vida pessoal.
Capacidade de encontrar e ser encontrado.	Necessidade de se desligar das mídias.

Esta tabela oferece um panorama das limitações e possibilidades oferecidas pelos relacionamentos virtuais e, de maneira mais ampla, pela conexão via mídias digitais. Não se trata de uma oposição binária entre os elementos, mas de um *continuum* entre as diversas modalidades de vida pessoal/social *online*.

**Tempo, espaço e conectividade**

Outra razão apontada pela autora para o sucesso dos relacionamentos digitais é o fato de eles se adequarem perfeitamente à velocidade da vida contemporânea. O paradoxo, ressalta Turkle, é que, embora as tecnologias de conexão tenham sido feitas para auxiliar as pessoas a economizar tempo, elas demandam um tempo considerável para dar conta de todas as demandas da vida virtual – é comum a pessoa se autoenganar prometendo a si mesma apenas “dar uma olhada” nas redes e ficar horas conectado.

A noção de espaço, fundamental para qualquer relacionamento social, transforma-se nas mídias digitais. “Estar aí” significa pensar com quem se está conectado em um determinado momento, ou, em outras palavras, aonde está focalizada a atenção de uma pessoa.

Turkle cita como exemplo uma situação cada vez mais comum: o palestrante usando um computador na apresentação, enquanto as pessoas na plateia, igualmente munidas de *notebooks*, checavam *e-mails*, faziam *download* de programas ou simplesmente navegavam na internet. De vez em quando, levantavam a cabeça da tela mostrando alguma atenção. Difícil dizer exatamente onde elas estavam.

As transformações no espaço e no tempo ligadas às mídias digitais alteraram também os limites públicos da identidade. “Estar sozinho”, explica Turkle, “vem se tornando uma precondição para estar conectado”. Quando se usa um celular em público, por exemplo, é difícil estabelecer a linha entre “pessoal” e “público”.

O diagnóstico de Turkle mostra a tecnologia imersa em um dia a dia cada vez mais rápido, no qual relações pessoais aumentam em quantidade, mas também em superficialidade. Ao mesmo tempo em que suprem necessidades de comunicação e convivência, ao mesmo tempo se tornam o caminho para outras formas de vida social – uma solidão coletiva mesmo para quem está, como define a pesquisadora, “sempre ligado”. *Always on*.

### © *Leitura de outro ponto de vista*

AMARAL, A. *Visões perigosas: arqueogenealogia do cyberpunk*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BRAGA, A. *Persona materno-eletrônicas*. Porto Alegre: Sulina, 2009.